



Tais coordenadas mantêm-se, de resto, quando se passa da zona da política interna à zona das relações exteriores. É sem hesitações que o ministro Cheysson, ao referir o carácter de panaceia de que se têm revestido as medidas tomadas, nestes últimos anos, pela CEE quando um ramo industrial se encontra em crise (tomando o exemplo evidente da siderurgia) diz que «não se pode pensar que um governo socialista se contente com tal forma de tratar as questões» («Le Monde», 28 de Maio). Parece surgir no horizonte da política francesa uma ideia de «Europa» que tem algo do espírito que precedera o Tratado de Roma — uma comunidade onde se terá em linha de conta as dimensões sociais das questões, onde a perspectiva global é revalorizada face a aspectos menores da negociação, onde a análise política levará a considerar os problemas actuais deste velho continente, onde a ideia de Europa não será a de uma comunidade tapa-buracos de défices nacionais nem mero escudo da democracia. Essa Europa supõe uma política e uma visão europeias no seu devir histórico, no caldeamento de todas as suas culturas e na perspectivação dos seus objectivos e aspirações.

A força e a convicção que a actual equipa francesa põe no redimensionamento dos problemas tratados à escala da Europa vai de par com uma política de franco apoio aos países do Terceiro Mundo e ao grande desafio da justiça à escala do planeta que lhe está subjacente. Que palavras mais fortes encontrar do que as de François Mitterrand no momento da sua investidura:

«A França terá que dizer com vigor que não haverá verdadeira comunidade internacional enquanto os dois terços do planeta continuarem a trocar os seus homens e os seus bens contra a fome e o desdém.»

Por isso ao receber o embaixador de um país africano afirmou que a França será «incansável advogada da Nova Ordem Económica Internacional» e que tudo será feito para que a sua palavra «desperte o vasto eco de justiça e de esperança que os homens esperam dela» («Le Monde», 5 de Junho). A solidariedade que da França vai aos países do Terceiro Mundo não se limita a um vago enunciado; é de intenções precisas que ela é forjada nas próprias palavras do seu presidente:

«Termo do processo de descolonização, respeito da identidade cultural, afirmação da unidade continental africana graças à OUA, estabilização dos preços das matérias-primas, dos produtos agrícolas e industriais no mercado mundial, e finalmente supressão da discriminação racial que desonra a liberdade dos homens.» («Le Monde», 5 de Junho)

Não é o Terceiro Mundo (e em especial a África) indiferente a tais afirmações. Tive a possibilidade de assistir em Paris à sessão das Nações Unidas que, com a presença de Kurt Waldheim, comemorou o dia da Libertação de África. Estava-se num grande areópago internacional em que decorria a Conferência Internacional Contra o Apartheid destinada a estudar as sanções contra a África do Sul e os meios a utilizar para apoiar os países limítrofes, nomeadamente Angola, Moçambique e Zimbábue. A simples presença do ministro Cheysson (quando o lugar da França por decisão do governo anterior estava vazio) foi aco-

lhida na Conferência por um tal entusiasmo que só me fez recordar a entrada da China continental na Assembleia Geral da ONU, em 1972!

As suas palavras foram de total empenho na defesa do direito de todos os povos à autodeterminação, na condenação da África do Sul, na adesão ao embargo total a esse país e na salvaguarda de todos os valores que possam garantir aos povos africanos um clima internacional de justiça e solidariedade.

Face às críticas que imediatamente surgiram em França quanto ao perigo que uma posição clara contra o «apartheid» significava para a economia francesa (uma vez que cerca de 140 firmas têm negociações estreitas com a África do Sul) o ministro não hesitou em dizer:

«... dizem que esta posição quanto ao racismo nos vai custar alguns contratos. Primeiro, isso precisa de ser discutido. Depois, é preciso que em países como a França, a Inglaterra, a Alemanha, ao nível europeu, nos países da Aliança Atlântica, saibamos o que conta para nós: o respeito pelo homem, a liberdade. Para mim não são só palavras. É essencial. Mas ninguém o diz. Fala-se indefinidamente da balança comercial e é claro que isso é importante. Mas, por piedade, falemos do que somos, daquilo por que nos batemos (...).» («Le Monde», 28 de Maio)

## Maioria coerente e duradoura

Um Estado pode afirmar-se internacionalmente com este vigor quando internamente assume a sua própria fisionomia política tal qual ela é num dado momento. Entre as presidenciais e as legislativas esteve em curso uma convergência consistente de todas as forças que se reclamam da esquerda.

O governo, enquadrando tendências diversas, deu o exemplo de uma equipa a um tempo coesa e diferenciada nas personalidades e nas sensibilidades que o integram. Nestas primeiras semanas, o governo revela, no seu agir, a fecundidade de várias políticas articuladas inter-sectorialmente e claramente defendidas, no seu estilo próprio, por cada um daqueles cuja primeira responsabilidade é a sua concepção e execução.

Esta maioria, agora confirmada, merece sê-lo. Não se trata de improvisar soluções ou de ir ver como outros resolvem os problemas. Estavam prontos os «dossiers» e os assuntos estudados; as grandes questões e as várias soluções que elas requeriam estavam hierarquizadas e sopesadas. A equipa que assumiu o poder em França não chega de mãos vazias nem paralisada à partida pelas idiosincrasias programáticas de A ou B. Há muitos anos que os membros do Partido Socialista se reuniam em grupos de trabalho para analisar a gestão do poder político de então, para recolher informações, propor alternativas, tornar essas alternativas operacionais. Por isso vêm-os abordar hoje as questões de fundo sem hesitações.

E a «maioria social» de que falou François Mitterrand e com a qual agora «se identificou a maioria política» vem, por todos os meios, reforçar esse trabalho. Desse fervilhar riquíssimo que é a elaboração constante do pensamento em França há a possibilidade de canalizar hoje muitas intuições e de as transformar numa resposta nova às aspirações pessoais e sociais.

A grandeza desta maioria é o de assumir-se em toda a sua verdade. Antes das legislativas,

sabia-se que as forças de esquerda tinham chegado a acordo perante a necessidade de uma «maioria coerente e duradoura» («Le Monde», 5 de Junho). E foi com a serenidade que lhe é própria que na noite da segunda volta o primeiro-ministro Pierre Mauroy se referiu à «maioria de esquerda». Vão continuar as discussões sobre a presença de comunistas no governo francês. Mas a resposta está nas palavras de François Mitterrand no pórtico do Eliseu após a visita do vice-presidente americano George Bush: «... a política da França é a política da França e permanecerá a política da França.» («Telejornal» da RTP-1, 24 de Junho)

## Assumir a vitória

Esta grandeza — esta tranquila consciência de ser o representante de um Estado soberano — só é possível porque François Mitterrand teve a coragem de assumir a sua vitória.

Tendo em poucas horas deixado de ser o dirigente do PSF para ser o «presidente de todos os franceses», assumiu o risco de toda a vitória em democracia: avançar no rumo da história com aqueles que o escolheram, aceitando com humildade democrática que outros o não escolheram, para assumir, em nome de todos, os destinos da pátria.

Ao assumir, em nome de todos, os destinos da pátria.

Ao assumir a sua vitória François Mitterrand reforçou a grande corrente que vinha trabalhando o interior da sociedade francesa e que agora veio desembocar no socialismo democrático e garantir a maioria de esquerda. Desde a sua investidura, François Mitterrand avançou pela senda que a vitória lhe abriu avaliando com firmeza e confiança as consequências e os condicionamentos dessa vitória: que mecanismos havia que desencadear, que contactos internos e externos havia que estabelecer, que palavras havia que proferir susceptíveis de criarem acontecimentos, que actividades havia que definir como prioritárias na ordem dos valores, da resposta ao eleitorado e do equilíbrio das forças sociais e políticas.

Em poucas semanas, o presidente de todos os franceses deu relevo à sua estatura de chefe de Estado. Inaugurou os gestos simbólicos que são os imperativos da unidade de um povo. Delimitou a personalidade do homem para aceitar, sem bravatas nem tibezas, as exigências e as renúncias que pede a investidura.

É essa mesma confiança e essa mesma grandeza que transparecem em todas as declarações dos dirigentes políticos franceses depois do resultado das legislativas. Todos os que lutam por sociedades mais justas, todos os que sentem a urgência de novas soluções para os problemas radicalmente novos da sociedade pós-industrializada, todos os que querem que a dignidade do homem seja o valor absoluto neste universo de coisas relativas, todos esses não podem deixar de se sentir tomados pelas palavras de Pierre Mauroy:

«Os franceses elegeram uma grande maioria de deputados (...) que estão decididos a dominar o progresso para o pôr ao serviço dos homens.»

... Talvez, algures, no céu, Charles Péguy sorria repetindo sem se cansar as litánias dos seus livros e pensando que desta vez a realidade andou de par com a poesia... «Deve haver um laço especial entre os franceses e esta virtude da Esperança...»

# Quando o Parlamento se preparava para apoiar o primeiro governo socialista de França

Jean Lacouture

A 6 de Junho de 1936, Léon Blum alcançava a sua primeira vitória parlamentar. A direita volatilizara-se. Mas não há ministros comunistas...

Passara o tempo em que Raymond Poincaré, ao apresentar o seu orçamento à Câmara dos Deputados, falava levantando os olhos para as tribunas ao fundo das quais se dissimulava mal o único homem que ele queria convencer: Léon Blum. Eis agora o líder socialista que se tornou o chefe do governo francês, o seu primeiro chefe socialista, erguido na bancada do governo, com a sua alta estatura um pouco curvada, o «borgnon» em riste, o bigode cuidado, a longa mão folheando notas, a outra traçando no espaço os indícios de dias melhores, surpreendente pela descontração combativa — apresentando aos deputados, nesse dia 6 de Junho de 1936 à tarde, o gabinete de Frente Popular que acabava de constituir, um mês depois da grande vitória eleitoral de 3 de Maio.

Blum apresentava-se então à Assembleia com um enorme trunfo: a maioria de 381 votos contra 223, obtida pela coligação de esquerda, maioria tão massiva que se arriscava a fundir-se no primeiro fogo dos combates parlamentares. Quem não sabia que havia, entre os radicais, aliados muito tímidos da «Frente Popular»? Herriot não saberia dessolidarizar-se dos seus velhos companheiros do «cartel» das esquerdas. Mas a derrota aflorou em Lyon, onde os seus eleitores compreendem mal a aliança com os «vermelhos»...

Mas este talento de Léon Blum, para o debate, a sua arrebatedora convicção, a prudência dos grandes líderes da direita como Paul Reynaud, a argumentação sumária dos porta-vozes dos possidentes, a grosseria racista de um Xavier Vallat que se indignou de ver

«pela primeira vez este velho país galo-romano governado por um judeu, um subtil talmudista», tudo contribuiu para o sucesso que alcançou, aumentando mais ainda a diferença entre a maioria e a oposição: 387 votos a favor, 210 contra.

Por muito fortes que forem os receios da direita, os seus porta-vozes no Parlamento não se uniam na cruzada contra o «colectivismo vermelho»... A despeito dos prognósticos, as tensões sociais não confortaram mas abriram fendas na coligação conservadora, tanto mais que o prestígio do novo governo junto das massas e as melhorias consideráveis que lhes anunciava podiam permitir-lhe, a ele e só a ele, restabelecer a ordem e reanimar a produção.

## A greve ou a lei

Blum ficou a dever esta vitória parlamentar à serena fran-

## THE BRITISH COUNCIL INSTITUTO BRITÂNICO EM PORTUGAL

### CURSO ELEMENTAR DE LÍNGUA INGLESA

#### Curso de Verão super intensivo

de 6 a 31 de Julho  
60 horas

de Segunda a Sexta  
3 horas diárias  
das 10 às 13

#### Curso de Verão intensivo

de 6 a 31 de Julho  
30 horas

de Segunda a Sexta  
1 30 horas diárias  
das 10 às 11 30 ou  
das 17 30 às 19 ou  
das 19 às 20 30

INSCRIÇÕES-TESTES DE AVALIAÇÃO DE CONHECIMENTOS DE 29 DE JUNHO A 4 DE JULHO

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONTACTE-NOS:  
RUA LUIS FERNANDES, 3 (esquina Rua de S. Marçal)  
Telefs.: 36 92 08 36 92 09 32 01 73 32 87 50